

ENTREVISTA COM ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES

isaltina.gomes@ufpe.br | <http://orcid.org/0000-0003-2256-8564>

O conhecimento da divulgação científica na promoção da saúde e do meio ambiente

Knowledge of scientific dissemination in the promotion of health and the environment

Conocimiento de la divulgación científica en la promoción de la salud y el medio ambiente



No início da carreira na universidade, a professora e pesquisadora Isaltina Gomes questionou por que somente eram divulgadas as ações da Reitoria, em vez das pesquisas. A partir dessa questão, iniciou uma trajetória na área de divulgação científica, na universidade e fora dela. Em entrevista à Reciiis, ela nos conta como foi o início da divulgação científica na época dos meios de comunicação analógicos. Comenta os conceitos discutidos nessa área e relata que, na história, o interesse público pelas pesquisas e a popularização da ciência se intensificam durante guerras, emergências sanitárias e problemas ambientais. Analisa as tendências de pesquisa nesse campo e recomenda que as instituições de pesquisa estejam mais presentes nas redes sociais on-line. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes é professora titular da Universidade Federal de Pernambuco e membro do Comitê Assessor de Divulgação Científica do CNPq.

Palavras-chave: Popularização da ciência; Saúde; Meio ambiente; Comunicação; Universidades.

At the beginning of her academic career, professor and researcher Isaltina Gomes questioned why only the actions of the Rector's Office were promoted instead of research. This question led her to pursue a career in scientific dissemination, both within and beyond the university. In an interview with Reciiis, she tells how she began her science dissemination efforts at a time when the media were analog. She discusses key concepts in this field and explains that, historically, public interest in research and science popularization has surged during wars, health crises and environmental challenges. She also analyzes research trends in this field and recommends that research institutions engage more actively in online social networks. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes is a full professor at the Federal University of Pernambuco and a member of the Advisory Committee on Scientific Dissemination of the CNPq.

Keywords: Popularization of science; Health; Environment; Communication; Universities.

En la universidad, la profesora e investigadora Isaltina Gomes cuestionó, al inicio de su carrera, por qué se divulgaban únicamente las acciones del Rectorado en lugar de las investigaciones. A partir de esta pregunta, emprendió una trayectoria en el ámbito de la divulgación científica tanto dentro como fuera de la universidad. En una entrevista con Reciiis, cuenta cómo comenzó a difundir la ciencia en una época en que los medios de comunicación eran analógicos. Comenta los conceptos tratados en esta área y relata que, históricamente, el interés público por la investigación y la divulgación de la ciencia aumentó durante guerras, emergencias sanitarias y problemas ambientales. Asimismo, analiza las tendencias de investigación en este campo. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes es profesora titular de la Universidad Federal de Pernambuco y miembro del Comité Asesor de Difusión Científica del CNPq.

Palabras clave: Popularización de la ciencia; Salud; Ambiente; Comunicación; Universidades.

INFORMAÇÕES

Entrevistador: Roberto Abib.

Fotografia: Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes/ Acervo pessoal.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Reciis: Seus interesses em pesquisa se concentram na área de divulgação científica, desenvolvendo trabalhos tanto acadêmicos quanto profissionais desde 1999. Como isso se constituiu na sua trajetória profissional e acadêmica?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Essa ligação com divulgação científica veio da minha atuação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Comecei muito cedo a lecionar na universidade. Eu praticamente me formei e fui para universidade como professora substituta, na época, sem ser concursada ainda. Depois de algum tempo é que fiz o concurso. Logo que entrei, ministrei disciplinas ligadas à produção radiofônica, depois passei a lecionar disciplinas de redação. Eu e a professora Wilma Morais lecionávamos redação jornalística e pensamos em elaborar um projeto chamado Agência Meio. Tratava-se de uma agência de notícias que produzia conteúdos sobre as pesquisas da universidade para fora da universidade. Lembro-me de que lançamos a Agência Meio com o slogan “A informação pulou o muro da universidade”.

Na época, a gente notava que a assessoria de comunicação da universidade atuava como um meio que assessorava a Reitoria. O que era divulgado? O reitor participou de tal evento... Eram principalmente eventos que aconteciam no âmbito da universidade e nos perguntávamos: “Puxa vida, essa universidade é uma das mais importantes do Nordeste. A quantidade de pesquisas que existe aqui! Isso não é divulgado?” Então, criamos essa agência de notícias para divulgar pesquisas, engajamos os nossos alunos de redação para garimparem pautas e produzirem textos. Esses textos eram veiculados por essa agência. Na época, não existia computador, os textos eram datilografados em máquina de escrever. O que a gente selecionava e editava era enviado aos veículos de comunicação pelos Correios. Vê só que coisa analógica! Toda semana, a gente estava lá com os selinhos, colando nos boletins da Agência Meio.

A partir dessa experiência em uma disciplina de redação, a gente implantou no departamento uma disciplina eletiva. Não me lembro bem se era divulgação científica ou jornalismo científico, era alguma coisa em torno disso. Como era uma eletiva, nem todo mundo precisava fazer e os alunos não se interessavam por esse tipo de disciplina. Uma vez, entrei na sala, primeiro dia de aula, e vi a sala cheia: “Uau, que coisa boa, os alunos estão se interessando.” Mas, quando fui procurar saber a razão de tanto interesse, ouvi coisas do tipo: “Ah, professora, é porque a gente estava devendo créditos e essa disciplina dava os créditos de que a gente precisava.” Logo no começo, eles rejeitavam um pouco e eu dizia: “Olhe, gente, essa não é uma disciplina ‘glamorosa’ como cinema”, que eles gostavam e se deleitavam. Mas, quando chegava ao final do curso, os alunos sempre elogiavam a experiência.

Anos depois, participei de um *workshop* sobre divulgação científica promovido pelas assessorias de comunicação do Centro de Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães (da Fundação Oswaldo Cruz); da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe), da UFPE e da Universidade de Pernambuco (UPE). Quando olhei para a plateia, tinha muitos dos meus ex-alunos. Depois que terminou o evento, conversei com alguns deles e perguntei: “Mas você está aqui por conta de quê?” Eu sabia que os que estavam lá, que eram ex-alunos, não trabalhavam em jornais corporativos, mas em assessorias de empresas que trabalhavam com ciência. Então nesse momento você vê que a disciplina não foi em vão. Inclusive, acho que nós fomos um dos primeiros cursos de jornalismo a implantar uma disciplina de divulgação científica. Foi o que constatou o professor Isaac Epstein, que fez um levantamento sobre disciplinas que tratavam de divulgação científica nos cursos de graduação em comunicação.

Além da disciplina, começaram a aparecer projetos de final de curso sobre o tema. Destaco o trabalho de Fabiane Cavalcanti. Na mesma época, eu estava entrando no mestrado. O título da minha dissertação – “Dos laboratórios aos jornais” – tem alguma relação com a proposta de Fabiane, pois, enquanto ela procurava saber a causa de tanta resistência dos pesquisadores a atender aos jornalistas, eu investigava as alterações ocorridas na produção do texto jornalístico, comparando as entrevistas às matérias publicadas.

Durante a 55^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2003, no Recife, que foi coordenado pelo professor Luiz Antônio Marcusch, meu orientador de mestrado, a gente conseguiu uma página diária na editoria Ciência e Meio Ambiente, do Jornal do Commercio. Conseguimos um caderno durante a semana do evento e, para sustentar esse caderno, o pessoal fez uma seleção entre meus alunos. Acho que levaram seis alunos para a editoria, para trabalhar durante a SBPC. Algumas pessoas, como a Fabiane Cavalcanti, ficaram no jornal. Ela entrou no Jornal do Commercio por conta dessa cobertura de uma edição da SBPC.

Houve também trabalhos de final de curso de ex-alunos em que participei da banca de defesa e depois fui convidada para contribuir na continuidade de alguns desses trabalhos. Um deles foi o Clipping Virtual, no qual eram divulgadas matérias sobre a produção científica da UFPE. Inclusive, as matérias publicadas no Clipping eram dos meus alunos, porque quando os autores do projeto estavam elaborando e produzindo o trabalho, eles me pediram ajuda com o conteúdo. Depois, fiquei responsável pelo *site*, no qual utilizávamos material dos meus alunos. Cheguei a convidar professores da UFPE para serem articulistas. Bem, eu trabalhava praticamente sozinha nesse projeto, pois editava todo o material e divulgava o conteúdo para os veículos de comunicação e para os pesquisadores. Nessa época, havia muito conteúdo publicado tanto na imprensa local quanto na nacional, que tinha como fonte as matérias do Clipping Virtual. Foi uma época muito boa em termos de realização, de ver aquilo andar, de ver o projeto crescer. Lembro-me de que a Liana John até colocou um *link* para o Clipping Virtual no Estadão. Ela tinha uma seção sobre ciência e meio ambiente na Agência Estado.

As ações estavam crescendo e eu precisava de ajuda porque não estava dando conta sozinha. Ia dormir de madrugada, pois ficava editando material para o Clipping Virtual, que era distribuído entre os veículos e pesquisadores, além de mandar e-mail aos assinantes avisando da atualização do site e responder e-mail dos veículos interessados. Além do trabalho de edição, havia a demanda das sugestões de pauta, da construção do material. Tinha de ir atrás dos pesquisadores até ouvir: “Ah, eu tenho uma pesquisa.”

Para dar continuidade a todo esse trabalho em curso, eu submeti um projeto de extensão à universidade. Foi o meu primeiro projeto para ver se conseguia, pelo menos, um bolsista e uma câmera fotográfica digital, pois na época a gente não tinha esses celulares com câmeras potentes, os *smartphones*. Entrei com essa solicitação, pois achava o projeto muito legal. Inclusive, anexe ao projeto provas do impacto que ele já gerava na comunidade, como também depoimentos de pessoas que são referências em suas áreas e muito respeitadas, por exemplo: Tânia Bacelar, professora da universidade, economista influente aqui em Pernambuco; Xico Sá, jornalista que hoje em dia está no Instituto Conhecimento Liberta (ICL Notícias), mas que na época era da Folha de S.Paulo. Havia várias pessoas que mandavam *e-mails* elogiando o trabalho desenvolvido.

Quando submeti esse projeto, estava fazendo doutorado. Por acaso, no dia em que saiu o resultado, eu estava na Reitoria e encontrei a pró-reitora de extensão, que era do meu Centro. Ela falou: “Ah, hoje sai o resultado dos projetos de extensão.” Ao que respondi: “Vou passar lá.” Foi quando ela olhou para mim e começou com uma história estranha. Eu logo falei: “O que você está querendo dizer é que o meu projeto não foi aprovado, não é?” Ela respondeu que de fato não tinha sido aprovado. Contestei: “Sim, mas meu projeto era muito bom”, ao que ela concordou e disse ter lido e percebido o quanto era bom, mas se justificou dizendo que a comunicação, àquela época, não tinha a tradição que tinha a saúde em termos de extensão, e que o Clipping funcionava sem bolsista. Estava no doutorado e segui fazendo tudo sozinha. Sem incentivo, o projeto acabou. Não houve interesse num trabalho de comunicação que era tão importante para a universidade e para a divulgação de pesquisas. No entanto, continuei pesquisando sobre ciência, divulgação científica e meio ambiente.

Reciis: Em suas pesquisas, de dissertação e de tese (Gomes, 1995, 2000), a partir de uma perspectiva teórico-metodológica da linguística, você discute uma relação tradicionalmente tensa entre cientistas e jornalistas. Como foi o caminho dessa pesquisa ao lidar com essa relação?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: A linguística veio da minha formação, pois iniciei o curso de letras e jornalismo no mesmo ano. Só que depois tranquei Letras, por aproximadamente dois anos, e terminei Jornalismo. Depois voltei para terminar Letras, e eu já estava atuando como professora de jornalismo. Eu queria fazer o mestrado, mas não tinha mestrado em Comunicação aqui em Pernambuco. Era importante fazer aqui em Pernambuco por causa da minha primeira filha que ainda era bebê. Entrei no mestrado em linguística e fui orientada pelo professor Luiz Antônio Marcuschi, que gostou da proposta da pesquisa e considerou a viabilidade nesse campo.

Como disse, essa perspectiva do cientista, a relação entre cientista e jornalista, veio desde o trabalho que eu orientei de Fabiane Cavalcanti. Depois, na minha dissertação, vi que, realmente, em geral, os jornalistas não deturpam, como os pesquisadores dizem. Eles simplesmente resumem a pesquisa, mas os pesquisadores têm a sensação de que foi deturpado. Nos meus materiais de análise teve apenas um caso de uma matéria em que realmente houve uma certa deturpação, algumas coisas bem truncadas que diferiam do que o pesquisador havia afirmado. No entanto, de maneira geral, não há aquela deturpação como os pesquisadores alegavam.

Reciis: Na sua tese (Gomes, 2000), você faz uma discussão sobre alguns conceitos que não apresentam consensos no campo do desenvolvimento científico, como: difusão, jornalismo científico e divulgação científica. Como você compreende essas expressões?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Na minha tese de doutorado, tenho uma subseção na qual falo dessa diferença: divulgação científica, jornalismo científico e difusão científica. Discuto isso a partir de Wilson Bueno (1984), Manuel Calvo Hernando (1982, 1992), Antonio Pasquali (1979) e Lilian Márcia Simões Zamboni (1997). Eles fazem uma discussão sobre essas questões, e naquele momento discuto esses conceitos a partir desses autores. Hoje, se fosse refazer aquela subseção, teria outra perspectiva em relação à divulgação científica ou ao jornalismo científico. Calvo Hernando (1992) fala sobre a troca do termo “jornalismo científico” por “divulgação científica”:

Mesmo que pudesse trocá-la [de jornalismo científico para divulgação científica], não seria fácil encontrar outro termo que encerrasse o significado pretendido. Outras denominações propostas têm o inconveniente de não serem um nome, mas uma definição como “divulgação científica nos meios informativos”. Além do mais, “divulgador de ciência e tecnologia” e “jornalista científico” não são expressões equivalentes, já que a divulgação pode ser feita por outras vias além dos meios de comunicação de massa e o jornalista científico não é nem deveria ser um mero divulgador. (Calvo Hernando, 1992, p. 22-23)

Concordo com a opinião de Calvo Hernando, só que ele também não via problema pelo fato de a “jornalismo científico” ser um termo tão arraigado. É um conceito que está tão entranhado que as pessoas já compreendem sem dificuldades o que é. O pesquisador francês Pierre Marie Fayard, que era da Universidade de Poitiers – não sei se ainda é –, e coordenava um laboratório de pesquisa em comunicação e informação científica, utilizava o conceito de “comunicação pública da ciência” (Fayard, 1992, 2004), que substituíra tudo isso de alguma forma. Então, hoje em dia, quando ouço falar em jornalismo científico, prefiro substituir por divulgação científica, porque engloba tudo, tudo mesmo, porque não é só o jornal, não

é só a TV. Há os museus, os livros didáticos, os livros para crianças etc. Então, vou preferir usar o termo divulgação científica.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por exemplo, continua usando esse termo ‘divulgação científica’. Acho que é mais adequado do que jornalismo científico, porque, pelas razões que Calvo Hernando levantou, a gente não faz um jornalismo científico. Não é ciência que a gente está fazendo, a gente está cobrindo ciência. A divulgação científica é aquela que é feita para um público não especializado, mas, quando o público são os pares, por exemplo, penso que estamos nos referindo à “difusão científica”.

Na minha tese de doutorado (Gomes, 2000), fui observar a revista Ciência Hoje porque publicava textos de pesquisadores e de jornalistas. Era um material enorme que eu selecionava de várias áreas do conhecimento; tanto as matérias de jornalistas quanto os textos dos pesquisadores. Havia texto de pesquisador que eu lia e era difícil de entender. Ao longo da pesquisa, conversei com editores para saber como era a abordagem dos pesquisadores. Eles sabiam para quem se destinava a revista: era para um público que ia do estudante de Ensino Médio até o pesquisador. Era uma revista cujos textos deveriam ser compreendidos por todos. No entanto, os textos dos pesquisadores, ou a maioria deles, estavam sendo destinados aos pares, aos pares da área deles.

Reciis: Em seus projetos de pesquisa recentes, há mapeamentos temáticos e teórico-metodológicos sobre divulgação científica e jornalismo científico no Brasil e em Portugal. Como você avalia a pesquisa em divulgação científica?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: A maioria das pesquisas em divulgação científica tem o foco na mídia e na ciência, ou seja, como a ciência trata a mídia e como a mídia trata a ciência. Há também trabalhos, em menor quantidade, sobre o papel da ciência e da mídia com foco no meio ambiente, a sociedade do entorno. Há outras pesquisas que tratam do ambiente, de onde a pesquisa foi produzida. Em geral, são pesquisas de programas de pós-graduação que estão com o pé mais na Ciência da Informação (CI).

Essa pesquisa que estou fazendo é no âmbito de programas de pós-graduação, primeiro conduzida no Brasil e depois ampliada para Portugal. Uma questão que observo é esse foco na mídia e na ciência, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Reciis: Você destaca alguns marcadores de quando se percebe o interesse público e a emergência da popularização da ciência no mundo. Entre eles estão: as guerras mundiais, os problemas ambientais e as emergências sanitárias, como a pandemia do HIV/aids no mundo. Por que essa relação?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Penso que uma explicação para isso é a necessidade de sobrevivência: a luta pela sobrevivência. Quando chegam esses momentos catastróficos, as pessoas procuram sobreviver e vão atrás das pesquisas. Há um aumento de interesse pela ciência. Agora, por exemplo, aconteceu em relação à última pandemia, de covid-19. Foi bem complicado porque havia um interesse pelas pesquisas, mas, por outro lado, havia um bombardeio muito grande de desinformação e de maneira bem repugnante por parte de um governo brasileiro negacionista que se colocou contra a ciência.

Depois disso, escrevi um artigo que ainda vai ser publicado. Fiz uma pesquisa aplicando um questionário com poucas pessoas, cem nordestinos, em relação à confiança na ciência. Observa-se que a maioria das pessoas confia nas pesquisas; confia na Fiocruz; confia no Instituto Butantan. Em muitos casos em que tais instituições foram citadas, as pessoas consideraram fundamental a presença do Sistema Único de Saúde

(SUS). Isso no Nordeste, não sei se eu ampliasse para o Sudeste ou para o Sul seria a mesma coisa. Enfim, por mais que esses mitos sejam derrubados, a gente vê que há pessoas que continuam acreditando que a vacina para covid-19 dá câncer, por exemplo.

Reciis: Nesse sentido, como você percebe a dimensão do campo da saúde em relação às ações e às pesquisas em divulgação científica?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: A divulgação científica no campo da saúde é fundamental. Como nós estaríamos hoje? A gente teve 700 mil mortos, nem todos chegaram a ter a oportunidade de tomar a vacina. Mas deixa eu contar uma coisa. Eu estava em Portugal na época da pandemia, demorei a voltar, porque não tinha como chegar aqui, os voos estavam cancelados. Depois que cheguei já tinha vacina aqui no Brasil. Um dia, encontrei com a minha vizinha e ela disse: “Ah, meu pai está hospitalizado”. O pai dela estava com covid, devia ter uns oitenta e poucos anos. Eu disse: “Mas como ele está vacinado, vai ser leve, ele vai sair logo.” Ela disse: “Não, ele não é vacinado.” Perguntei da mãe dela, que também não tinha se vacinado. E perguntei: “Mas você se vacinou, né?” E respondeu: “Não, eu tenho um problema.” Essa moça é médica e disse que tem um problema de saúde, que tem uma incompatibilidade.

O pai dela morreu. Umas duas semanas depois, fui falar com a mãe dela, dar meus pêsames, e recomendei que se vacinasse também. Ela havia dito que não, olhando para a filha. Havia um detalhe: na varanda delas havia uma bandeira do Brasil. São pessoas supostamente com acesso à informação. A minha vizinha não se vacinou e os pais dela também não. Não é falta de informação. É ideológico. Mesmo assim é fundamental a divulgação científica sobre saúde.

Reciis: O meio ambiente é um tema bastante trabalhado nas suas pesquisas. Você foi uma das editoras convidadas do dossiê “Comunicação e meio ambiente” da Reciis. Em editorial (Gomes; Medeiros; Maesele, 2020), chamou a atenção para as constâncias em coberturas de tragédias. De lá para cá, foram midiaticamente vivíveis outras tantas. Como você tem observado e analisado esses acontecimentos midiáticos que envolvem comunicação, ciência, saúde e meio ambiente?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Em relação ao meio ambiente, há diversos programas de televisão e reportagens de revistas que abordam a necessidade de se preservá-lo, mas o que a gente observa com frequência é a cobertura jornalística sobre os resultados das tragédias, como vimos no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, nos desastres em Minas Gerais. Somente o depois.

Em relação às chuvas, eu fiz um trabalho num período de uns dois anos seguidos em que houve chuvas intensas aqui em Pernambuco. Muitas barreiras caíram e muita gente morreu. Comecei a observar como a mídia se comportava em relação aos acontecimentos, que já eram reflexo das alterações climáticas. Observei três momentos: o momento do alarde; o do sensacionalismo (tantas barreiras caíram..., tantas pessoas morreram...); e depois a fase da ‘solidariedade’, do ‘vamos ajudar’ (vamos ajudar os nossos irmãos que estão sem nada, estão sem teto, estão somente com as roupas do corpo) – é a fase da ajuda, e acaba por aí.

Naquele período, acho que vi somente uma matéria que explorava as razões do evento trágico numa perspectiva científica, foi em um programa que tinha na Rede Globo Nordeste, Nordeste viver e preservar, apresentado por Francisco José e Beatriz Castro. Eles levaram um pesquisador e sobrevoaram as áreas destruídas, e o pesquisador explicava as razões daquilo. Acho que foi a única vez que vi o olhar da ciência sobre aquele desastre ambiental.

Fiz também um projeto sobre o Porto de Suape, que foi idealizado há mais de trinta anos.¹ No governo Eduardo Campos, ele colocou o projeto para a frente. Acontece que o porto desestabilizou o meio ambiente da região, tanto é que a questão dos ataques de tubarão começaram, mais ou menos, na mesma época em que se iniciaram as alterações no Porto. E isso se intensificou. Hoje em dia a gente vê, por exemplo, aqui no Recife, áreas da Praia de Boa Viagem que você não deve entrar de jeito nenhum, pois até na parte rasa se corre algum risco. Isso tudo é consequência da maneira com que a gente vem tratando o meio ambiente, infelizmente.

O meio ambiente é uma preocupação recorrente nas pesquisas de divulgação científica. Por exemplo, na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)², há um grupo de pesquisa que se chama Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, ou seja, são perspectivas de interesse para quem pesquisa a divulgação científica.

Reciis: Como você observa hoje a divulgação científica? É um campo profissional especializado, que consegue traduzir, simplificar a mensagem? Trata-se de um processo que faz parte do desenvolvimento da ciência? É um campo de conhecimento?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Penso que não se trata de um campo especializado em simplificar as mensagens, inclusive observo com muita reserva a expressão “traduzir”. Na minha tese, não falo em traduzir, usei “retextualizar a informação”, um termo que vem da linguística (da teoria da tradução).

Na minha opinião, sim, a divulgação científica é um campo de conhecimento. A ciência e a tecnologia estão incorporadas à vida cotidiana. As pessoas precisam das informações científicas para tomar decisões básicas da vida: a vacina do filho, a segurança alimentar, os cuidados médicos, entre outras coisas. Então, além do esforço para desenvolver as pesquisas, que são fundamentais para a sociedade, é necessário que os resultados dessas pesquisas sejam divulgados, possibilitando a chegada desses resultados à população de uma forma geral. A gente vê que o campo tem se fortalecido. Penso que a divulgação científica era entendida, inicialmente, como um ramo da comunicação. Mas, hoje em dia, está se fortalecendo como um campo de conhecimento. É um campo novo, por isso que não vamos compará-la, por exemplo, com as áreas que são antigas. Entendo que a tendência é se fortalecer e se tornar um campo importante entre todas as áreas do conhecimento.

Reciis: No campo das ciências humanas, principalmente no da comunicação, a divulgação científica é valorizada?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Se você chega num núcleo no qual as pessoas trabalham com divulgação científica, sim. Mas, no geral, não. Digo isso porque nas nossas seleções de mestrado e doutorado ainda tem poucos projetos que tratam do tema. É muito restrito, você não vê tanta coisa como, por exemplo, em cinema e música. São áreas “glamorosas”. É muito “glamoroso” você trabalhar com cinema. Em divulgação científica, você trabalha com ciência, com algo muito importante para a sociedade. Mas as pessoas não valorizam, penso que não seja um campo valorizado.

No meu departamento, por exemplo, quem trabalhava com divulgação científica? Eu e a professora Wilma Moraes, que já se aposentou. Como nosso programa é de comunicação, até pouco tempo, somente eu

¹ O Complexo Industrial Portuário de Suape é um dos principais portos públicos brasileiros. Está localizado no litoral Sul do estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

² A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) foi fundada em 12 de dezembro de 1977 em São Paulo. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais da comunicação em uma perspectiva interdisciplinar.

orientava trabalhos nessa área porque não apareciam tantos projetos. Hoje, porém, há um outro professor que está começando. Antes, ele só trabalhava com jornalismo. Observo que ele já está orientando trabalhos que tratam da divulgação científica, que tratam do meio ambiente. É um movimento que se inicia, mas, no geral, ainda penso que não seja valorizado.

Reciis: Como você enxerga os desafios que a contemporaneidade impõe à divulgação científica? Algumas instituições têm se voltado para esse campo, chamado a atenção para isso, principalmente para uma possibilidade de diálogo com a sociedade num momento de desinformação. E, pensando na maneira como você começou a trabalhar com a divulgação da ciência, na dificuldade da forma analógica no início do seu percurso, como você percebe hoje esse campo e os desafios que estão postos?

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes: Na época em que comecei a trabalhar tudo era analógico. Havia o jornal, a TV, tinha o rádio. Hoje em dia, é possível extrapolar essas mídias tradicionais. É preciso ir para as redes sociais e para os *podcasts*. Na época da pandemia, participei de um projeto com a professora Yvana Fechine, do meu departamento. Ela conseguiu produzir “pílulas de informação”³ sobre a pandemia com uma linguagem popular na Rádio Paulo Freire – uma rádio AM que hoje está vinculada ao nosso departamento. Temos alunos que vêm das comunidades e trazem essa linguagem. Assim, a gente fura as bolhas, porque falar para nós mesmos não é falar para todo mundo. Já foram feitas dramatizações, foram realizadas coisinhas pequenas, mas que atingiram esse público que estava precisando das informações. Penso que a gente tem que sair furando as bolhas, e isso não é fácil. Para quem vem do analógico, é preciso penetrar as redes sociais, porque, hoje em dia, você vê muita competência de pessoas de extrema direita nas redes sociais. Temos que aprender a divulgar informações importantes e que busquem melhorar a vida da população.

A gente observa as universidades sendo divulgadas. Mas, na minha opinião, poderia haver mais divulgação, elas poderiam fazer parte, de fato, do cotidiano das pessoas. As pesquisas deveriam estar mais presentes na vida da população. Acho que a atuação é muito tímida e pouco aproveitada, não somente nos veículos analógicos. Vamos para as redes sociais!

REFERÊNCIAS

- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1984. 372 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27135/tde-03052024-112905/pt-br.php>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **Civilización tecnológica e información – el periodismo científico: misiones y objetivos**. Barcelona: Editorial Mitre, 1982.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **Periodismo científico**. Madrid: Editorial Paraninfo, 1992.
- FAYARD, Pierre. **Sciences aux quotidiens : l’information scientifique dans la presse quotidienne européenne**. Ardoie: Z’Éditions, 1992.
- FAYARD, Pierre. **La comunicación publica de la ciencia: hacia la sociedad del conocimiento**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México. 2004.

³ São programas curtos (programetes) veiculados diariamente durante a programação. As “pílulas de informação” têm o objetivo de disseminar informações de forma dinâmica e fluída.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A divulgação científica em Ciência Hoje**: características discursivo-textuais. 2000. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. Disponível em: <https://fiocruz.br/brasiliانا/media/tesedoutoradoisaltina-adobe.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **Dos laboratórios aos jornais**: um estudo sobre jornalismo científico. 1995. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Disponível em: <https://fiocruz.br/brasiliانا/media/isaltinadissertacao3.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello; MEDEIROS, Priscila Muniz de; MAESELE, Pieter. Environmental communication: exploring multiple interfaces. **RECIIS (Online)**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 268-272, abr.-jun. 2020. DOI:<https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2130>. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2130>. Acesso em: 13 dez. 2024.

PASQUALI, Antonio. **Comprender la comunicación**. Caracas: Monte Avila Editora, 1979.

ZAMBONI, Lilian Márcia S. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**. 1997. 211 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://fiocruz.br/brasiliانا/media/ZamboniLilianMarciaSimoesTese.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.